

A Homofobia como herdeira da heteronormatividade

Edilamar Pereira Bomba*

Lucas de Avelar Vaz Rodrigues**

RESUMO

O presente ensaio propõe uma reflexão sobre a relação entre homofobia e a heteronormatividade, como também identificá-las através de uma perspectiva psicanalítica. Para isso foi preciso debater os conceitos das seguintes palavras: homofobia, desejo e sintoma. Considerando a gravidade acerca do fenômeno homofóbico, este é um tema que não se deve evitar, cabendo uma análise mais detida de suas bases causais e de manutenção. Sendo assim, a metodologia empregada foi a de um ensaio teórico. Neste, o leitor deve ausentar-se de preconceitos e da busca de explicações metodológicas, objetivas e analisáveis e propor um momento de reflexão mais livre e com intensões profundas. Os resultados demonstram que através da agressão o sujeito homofóbico consegue se defender e que há uma relação mútua entre a homofobia e a sociedade heteronormativa. Sem a manifestação da homofobia, não há sociedade heteronormativa, e vice-versa.

Palavras-chave: Homofobia; Desejo; Sintoma.

ABSTRACT

The present essay proposes a reflection on the relation of homophobia and heteronormativity, as well as to identify it through a psychoanalytic perspective. For this we had to discuss the concepts of the following words: homophobia, desire and symptom. . Considering the seriousness of the phenomenon, this is an issue that should not be avoided, with a more detailed analysis of its causal and maintenance bases. Therefore, the methodology used was that of a theoretical test. In this, the reader should absent himself of prejudices and the search for methodological, objective and analysable explanations and propose a moment of reflection more free and with deep intensions. The results show that through aggression the homophonic subject manages to defend himself and that there is a mutual relationship between homophobia and heteronormative society. Without the manifestation of homophobia, there is no heteronormative society, and on the contrary.

Key words: Homophobia; Desire; Symptom.

1 INTRODUÇÃO

A homofobia, inicialmente, pode ser definida como uma concepção de anormalidade/inferioridade a respeito da homossexualidade, o que levaria a uma repulsa

*Aluna de Graduação em Psicologia da Faculdade Ciências da Vida. *E-mail:* edilamar_bomba@hotmail.com

**Docente da Faculdade Ciências da Vida. Graduado em Psicologia – UFMG; Mestre em Psicologia–Universit  Paris Diderot . *E-mail:* lucasavr@yahoo.com.br

direcionada aos gays e lésbicas, por parte do sujeito homofóbico. O desejo e as relações sexuais e afetivas entre indivíduos do mesmo sexo seriam interpretados como um crime abominável e um pecado contra a natureza. Sendo assim, a “homofobia se constituiu como um regime de subjugação social, política e cultural de corpos e desejos que não condizem com as raízes dicotômicas estruturas pela sociedade por meio da naturalização da sexualidade” (FERNANDES, 2009, p. 216). Dado este exemplo, nota-se que além dos (as) homossexuais, há a existência de diversos outros grupos populacionais alvos vulneráveis da violência, como a LGBTT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais) (ALENCAR; ALVES; PARENTE, 2016).

Do ponto de vista macrossocial, a homofobia é um fenômeno bem estabelecido no Brasil, sendo perceptível a partir do conjunto de comportamentos que ela engendra: discriminação social, violência psíquica e física. Algumas estatísticas podem dar prova disso. Segundo a Secretaria Especial de Direitos Humanos do Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos (2016), em 2013, cerca de 1.695 denúncias foram registradas num total de 3.398 violências destinadas à população LGBT, abarcando 2.461 suspeitos e 1906 vítimas. Os dados apresentados por Alencar e colaboradores (2016) também destacam que, entre as 1906 vítimas; 40,1% estiveram associadas à violência psicológica, 36,4% sofreram discriminações e 14,4% foram violentadas fisicamente. Considerando a gravidade destes dados, este é um tema que não se deve evitar, cabendo uma análise mais detida de suas bases causais e de manutenção.

O ponto central de reflexão deste ensaio passa a ser, portanto, a relação entre homofobia e heteronormatividade. O objetivo principal, conseqüentemente, é identificar as relações existentes entre homofobia e heteronormatividade a partir de um referencial psicanalítico. Para avançar, faz-se necessário, então, uma discussão balizada pelos seguintes conceitos psicanalíticos: sexualidade, desejo, recalque, resistência e sintoma.

A forma de apresentação deste trabalho será a de um ensaio teórico, em que permite-se o envolvimento subjetivo do autor com o objetivo de estudo, apresentando seus sentimentos, dúvidas, incertezas, contradições e questionamentos. Aos leitores, caberia uma abertura para este formato, que decididamente é diferente da ciência tradicional/positivista. Em outras palavras, no ensaio teórico, devem ausentar-se preconceitos e buscas de explicações metodológicas, objetivas e analisáveis e propor um momento de reflexão mais livre e com intensões profundas (MENEGETTI, 2011).

Por ser afirmado enquanto um ensaio teórico psicanalítico pode-se ter a impressão equivocada de que se reduzirá o debate sobre as questões individuais dos homofóbicos. Ao

contrário do que pensam alguns expectadores do pensamento freudiano, a psicanálise desde seu princípio se prestou também a debater questões sociológicas e culturais¹. Desta maneira, a análise tem uma direção dupla e convergente, ou seja, as relações entre homofobia e heteronormatividade serão levantadas tanto no nível individual, quanto no nível cultural/social. Desta forma, algumas perguntas derivadas da questão norteadora se lançam: quais seriam as possíveis expressões do sujeito contidas na homofobia? É possível defender que a heterossexualidade é uma condição natural? A heteronormatividade abre um campo para a homofobia? A heteronormatividade pode ser entendida como um sintoma social?

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 CONCEITOS FUNDAMENTAIS DA PSICANÁLISE

Antes de dedicar-se a uma discussão psicanalítica sobre a homofobia, é necessário que se passe com calma por algumas questões de fundamentação conceitual que tornarão o percurso mais fluido. O raciocínio prescinde necessariamente dos conceitos de desejo, sexualidade, recalque, resistência e sintoma e tem como pivô a noção de conflito, presente em todas as definições que se seguirão.

As investigações clínicas sobre a histeria suscitaram a descoberta de um fator recorrente que se mostrava ligado à origem dos sintomas: o *desejo sexual* (FREUD, 1901/1905[2006]). O fundador da psicanálise não recuou diante deste tema potencialmente problemático e capaz de produzir conflitos intrapsíquicos, visto todo o tabu em torno da sexualidade humana.

No livro “*A interpretação dos sonhos*” (1900/1901 [2006]), Freud define *desejo* como a “moção psíquica que procurará recatexizar a imagem mnêmica da percepção e reevocar a própria percepção, isto é, restabelecer a situação da satisfação original” (p. 595), que nos determina no ato de sonhar. O conceito de desejo permitiria a seguinte articulação: ele seria um movimento originário de uma tensão interna, que mobiliza o sujeito a buscar objetos (alucinatórios, sonhados ou reais) que lhe permitam reproduzir, mesmo que parcialmente,

¹ A título de exemplo, confira “Totem e Tabu”, “Psicologia das massas e análise do Eu”.

estas primeiras experiências de satisfação, através de um jogo simbólico. Este jogo simbólico seria necessário, pois alguns desses desejos podem não corresponder às aspirações morais do sujeito (FREUD, 1908/2006). Sendo assim, Freud afirma que os desejos inconscientes poderiam ser satisfeitos através dos sonhos, a partir de signos substitutos. Esta reconfiguração simbólica funcionaria como uma censura, que permitiria que o desejo, satisfeito durante o sonho, permanecesse inconsciente. Assim, a proposta psicanalítica apresenta como objetivo identificar e interpretar os desejos responsáveis pela movimentação do psiquismo do indivíduo (FREUD, 1900/1901[2006]).

Considera-se agora o conceito de *sexualidade*. No livro “*Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade*” (1905/2006) Freud estabelece uma extensão considerável sobre o conceito de sexualidade, perpassando pelas perversões sexuais, caracterizadas por atividades reconhecidamente sexuais e que não têm nenhuma vinculação com fins reprodutivos, e pela sexualidade infantil, claramente negada por seus antecessores e contemporâneos. Com isso, ele define a sexualidade humana enquanto *perversa e polimorfa*, uma vez que ela não possui uma maneira única e pré-determinada de encontrar satisfação. De acordo com essa perspectiva, todos responderiam a exigências/impulsos que não correspondem somente às funções reprodutivas da espécie e que, aliás, já estariam em funcionamento antes mesmo dos corpos estarem biologicamente preparados para a reprodução. Todos estariam, portanto, compelidos a responder desejos sexuais infantis.

Ainda sobre os “*Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade*” (1905/2006) é possível perceber que fenômenos relativos à sexualidade trazem consigo características mortíferas e demoníacas que seriam contrárias à vida, cabendo então ao indivíduo, no percurso do seu desenvolvimento, encontrar vias de defesa contra esses desejos que habitam nele.

Neste ponto, o conceito de *recalque* ou *recalcamento*² passa a ser fundamental. Compreendido como o movimento defensivo que inaugura e é próprio da neurose, o recalque pode ser definido a partir de Freud de maneira muito simples: movimento defensivo que visa manter o material sempre o mais distante da consciência (FREUD, 1915/2016c). Percebe-se que, neste processo de recalque, o objetivo não está em colocar fim à ideia representativa do desejo sexual, mas possui somente a pretensão de mantê-lo inconsciente. Sua função seria evitar o desprazer, pois nem toda satisfação de um desejo é necessariamente agradável (FREUD, 1916/1917 [2006b]).

² Nota-se que o termo “repressão” é substituído pelo “recalque” por ser considerado um erro de tradução na teoria freudiana.

Deste modo, o recalque não consegue extinguir os desejos. Ao contrário disso, Freud reconhece que o material recalcado continua existindo e operando um trabalho de produção de derivados que, estes sim, teriam acesso à consciência (FREUD, 1916/1917 [2006b]). A produção onírica de signos substitutos poderia ser descrita como um exemplo disso, o que segundo Laplanche e Pontalis (2001) serviu de modelo para o entendimento e interpretação dos sintomas.

Neste caso, apresenta-se o conceito de *sintoma* como derivado do recalcado. O caráter simbólico do derivado é demarcado através de outra força defensiva denominada *resistência*, que, por sua vez, não permite que o desejo recalcado se torne consciente, mas que seja caracterizado apenas pelas representações simbólicas (FREUD, 1916/1917 [2006b]). A *resistência* é a força que se opõe ao desejo que tenta tornar-se consciente (FREUD, 1923/2006). Assim, o sintoma ganha o valor expressivo do recalcado, funcionando como solução de compromisso do conflito psíquico existente entre o retorno do recalcado e a resistência (FREUD, 1916/1917 [2006a]).

Nesse sentido torna-se perceptível o conceito do inconsciente a partir da teoria do recalque. O recalcado, neste aspecto, apresenta-se como um protótipo do inconsciente. Exposta essa perspectiva, é possível identificar dois tipos de inconsciente: um latente, formado pelo recalque secundário e com possibilidades de se tornar consciente (denominado tardiamente de pré-consciente) e o outro, formado pelo recalque primário, incapaz de se tornar consciente (FREUD, 1923/2006).

Cabe, ainda, salientar um aspecto de destaque do fenômeno sintomático. Ele não se limita apenas à solução de compromisso, visto que ele é inerente a um paradoxo: é estabelecido enquanto fuga ao desprazer, mas é um potencial causador de sofrimento (FREUD, 1916/1917[2006a]). Nessa perspectiva, “o sintoma [...] representa no sujeito um momento de sua experiência em que ele não sabe se reconhecer, uma forma de divisão da personalidade” (VANIÉR, 2002, p. 206).

2.2 BISSEXUALIDADE

A despeito de uma suposta menor relevância da noção de bissexualidade no arcabouço teórico da psicanálise, reserva-se um pequeno referencial teórico de destaque sobre este termo por considerá-lo central para a discussão que será desenvolvida a seguir.

O termo bissexualidade é conceituado por Roudinesco e Plon (1997) como proveniente do darwinismo e é acolhido pelos estudos sobre a sexualidade humana no final do século XIX para designar a existência animal e humana uma predisposição biológica dividida em macho/masculino e fêmea/feminino. Fala-se da bissexualidade como uma junção carnal entre pessoas do mesmo sexo e/ou sexo oposto. Retomada por Freud, a bissexualidade pode ser entendida enquanto uma potência sexual que mais tarde irá progredir em seu desenvolvimento para algum tipo de demarcação e estabilização (ROUDINESCO; PLON, 1997).

Freud (1905/2006) estabelece a noção de hermafroditismo psíquico congênito como hipótese à bissexualidade. Em seus primeiros tempos, o ser humano não realiza a diferenciação entre os sexos: masculino/feminino e gêneros. Antes disso, a sexualidade humana, conceituada enquanto perversa e polimorfa, mantém o ser humano, em sua origem, aberto a um investimento do objeto sexual indiferentemente dos gêneros.

Sob o ponto de vista do desenvolvimento psicosssexual, o estabelecimento da orientação sexual só chegaria mais tarde, tornando os indivíduos: heterossexuais, à custa do recalque dos desejos remetidos a pessoas do mesmo sexo; homossexuais, sob perspectiva do recalque de desejos direcionados a pessoas de sexo oposto; ou bissexuais, pela manutenção dos desejos ligados aos dois sexos ou, até mesmo, da denegação da diferença sexual (ROUDINESCO; PLON, 1997).

A expectativa hetenormativa da sociedade faz com que a observância de um desejo homossexual ocasione impacto. Ao trabalhar sobre a questão da homoafetividade, Freud (1905/2006) relaciona o termo “invertidos” a concepções homossexuais. A execução de comportamentos distintos àqueles ‘aceitos’ pela sociedade se apresenta de diversas formas. Assim, Freud conceitua que estes poderiam ser classificados em: invertidos absolutos, que desejam exclusivamente o objeto sexual do mesmo sexo; os invertidos anfígenos que o objeto possa pertencer a ambos os sexos e, por último, os invertidos ocasionais que podem apropriar-se de um objeto sexual do mesmo sexo, por não ter acesso ao outro e satisfazer-se sexualmente com ele. Alguns destes indivíduos ditos como invertidos aceitam com normalidade e naturalidade seus impulsos sexuais destinados às pessoas do mesmo sexo. Outros, no entanto, não obtêm esta mesma concepção e se configuram como anormais (FREUD, 1905/2006). Assim, percebemos que Freud recorreu à bissexualidade como uma noção teórica para a explicação da inversão e, com isso, compreende-se também que em seu desenvolvimento ela se transforma em monossexualidade, com pequenos resquícios do sexo coagido (FREUD, 1905/2006).

Portanto, finalizando por ora esta questão, cabe somente ressaltar que a bissexualidade é concebida independente da orientação sexual do indivíduo e que é surpreendentemente reprimida por uma sociedade heteronormativa, que não concebe a separação radical entre impulsos sexuais e sexo (FREUD, 1905/2006).

2.3 HETERONORMATIVIDADE E HOMOFOBIA

Comportamentos sexuais entre indivíduos do mesmo sexo ou sexo opostos sempre caminharam lado a lado desde o início da existência humana. No entanto, nos últimos séculos, pôde-se reconhecer o surgimento da sociedade sexista e machista, que naturaliza orientações sexuais heteronormativas e avalia como anormal todo comportamento que se distancie desta norma o discriminando (GUIMARÃES, 2009). Nas sociedades modernas ocidentais, a sexualidade ocupa um papel central: ambiguidades e incertezas não são aceitas por parte dos indivíduos (ALENCAR, 2015). Há uma normatização e regulamentação do modo de ser e viver os desejos e a sexualidade a partir de alguns conhecimentos da biologia reprodutiva (PETRY; MEYER, 2011).

A sociedade se prende às compreensões generificadas apreendidas na cultura e as aplica como certas e verdadeiras. Essas concepções dão as bases para o sistema heteronormativo. Com isso, implica-se a discussão sobre este conceito que se destina a forma de funcionamento e organização da sociedade. Em relação à sexualidade o termo hetero significa atração sexual direcionada a pessoas do sexo oposto, enquanto o homo ao mesmo sexo biológico. Referindo-se ao termo heteronormativo é trabalhado o vocábulo dito essencial nesta questão: a norma. Esta diz respeito a algo que regula, censura, critica e moraliza, buscando uma forma exclusiva. Sendo assim, a heteronormatividade estipula a heterossexualidade como uma norma padrão associada à normalidade. Ou seja, tudo o que desvia deste padrão é considerado anormal. Compreende-se, então, que a heterossexualidade é considerada um parâmetro de normalidade que se enquadra nos padrões de funcionamento social, enquanto que a homossexualidade é vista como desvio (PETRY; MEYER, 2011).

A normalidade, destacada no parágrafo anterior, refere-se ao discurso médico estabelecido no século XIX que definiu categorias nosológicas a partir dos heterossexuais e homossexuais: saudáveis/normais e doentes/anormais, respectivamente. Isto demonstra que as condutas sexuais são disciplinadas pela naturalização da cultura em formas de feminilidades e

masculinidades que sejam diferentes entre si. Com isso, o sexo e o gênero são coligados e materializados nos corpos através das normas regulatórias constantemente reiteradas e ratificadas (PETRY; MEYER, 2011). Na definição da “normalidade”, nota-se que nenhuma identidade é natural, mas sim, um construto sociocultural. Deste modo, observa-se como a cultura formula um modo de vida ideal que é reconhecido somente àqueles que apresentam orientação heterossexual (ALENCAR, 2015).

Neste interim, o padrão cultural influi e manipula a manifestação do desejo do indivíduo na sociedade, subentendendo que para assumirem posições de homem e mulher aceitáveis, devem adotar a heterossexualidade e reprimir qualquer indício de desejo por outro sujeito do mesmo sexo (ALENCAR, 2015). É perceptível que a heteronormatividade se contrapõe e rejeita o homoerotismo, impedindo parceiros e parceiras homossexuais de manifestarem em público qualquer gesto erótico. Portanto, sexo, gênero e orientação sexual são estabelecidos como parte de uma sequência heteronormativa, vinculada à produção de um sujeito controlado do ponto de vista de suas liberdades sexuais (ALENCAR, 2015).

Em uma sociedade heteronormativa os discursos elaborados na defesa daqueles que vivenciam relacionamentos homossexuais, enfrentam um desafio constante na tentativa de romper preconceitos que, em grande maioria servem para reconhecer e perpetuar práticas heteronormativas. O “ser” homossexual ou heterossexual implica na dificuldade do sujeito aceitar a bissexualidade, por achar que esta seria um disfarce da homossexualidade, negando similaridade com esta orientação devido ao estereótipo de que toda lésbica é masculina e todo gay é afeminado. É evidente e inevitável que questões relacionadas às orientações sexuais e gênero são/sejam um campo repleto de preconceitos interligados à homofobia (ALENCAR, 2015).

Neste contexto, a homofobia reproduz a classificação de uma ordem social tanto de orientação sexual (hetero/homo), quanto de gênero (homem/mulher). Por isso, a homofobia não faz dos homossexuais suas únicas vítimas, visto que também afeta todos os outros que subvertem também esta normatividade dos gêneros, que não correspondem ao seu papel sexual pré-estabelecido socialmente: homens e mulheres trans; homens delicados, sensíveis e dependentes; mulheres independentes, autônomas e solteiras (ALENCAR, 2015).

3 METODOLOGIA

O presente trabalho trata-se de um ensaio teórico em que é permitido ao autor envolver-se subjetivamente com o objetivo de estudo, apresentando seus sentimentos, dúvidas, incertezas, contradições e questionamentos. Aos leitores, caberia uma abertura para este formato, que decididamente é diferente da ciência tradicional/positivista. Em outras palavras, em um ensaio teórico, deve ausentar-se de preconceitos e da busca de explicações metodológicas, objetivas e analisáveis e propor um momento de reflexão mais livre e com intensões profundas (MENEGHETTI, 2011).

Equivocadamente, é relatado como um meio mais fácil para a produção de pesquisas. Entretanto, ele exige maturidade, empenho e compromisso do ensaísta para atender a quesitos que o qualifica. Sendo assim, a utilização deste meio não desqualifica em hipótese alguma os padrões formais, mas propõe uma forma específica para compreender o contexto social através de uma nova perspectiva. Desta maneira, o ensaio caracteriza-se pela natureza interpretativa e reflexiva (MENEGHETTI, 2011).

O ensaio teórico não requer um modelo específico, visto que seu princípio está nas reflexões em relação ao próprio modelo. Sua principal característica é a originalidade que pode ser encontrada na escolha do objeto de análise, na argumentação, no recorte dado à análise, ou seja, em diversas situações (MENEGHETTI, 2011). Sendo assim, “O ensaio sempre fala de algo já formado, [...] pertence, pois, à sua essência que ele não destaque coisas novas a partir de um vazio nada, mas se limite a ordenar, de um modo novo, coisas que em algum momento já foram vivas” (LUCÁKS, 1911, p.23 citado por MENEGHETTI, 2011, p.324). Por fim, são utilizados livros clássicos relativos ao tema, artigos científicos, revistas e dissertações de mestrado. A coleta de dados foi realizada através do banco de dados SCIELO e PEPSIC por meio das seguintes palavras-chave: sexualidade, desejo, inconsciente, recalque e sintoma.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na obra de Freud, como já foi dito anteriormente, pode-se perceber um movimento de construção teórica que primordialmente passa pela clínica da neurose, mas que também é fruto de um esforço de reflexão sobre questões sociais e da cultura. Poucos são os temas que possibilitariam um trabalho simultâneo destes dois eixos (clínica e sociedade) e a questão da homofobia seria um deles.

No texto “*O Mal-Estar na Civilização*” (FREUD, 1930/1929 [2006]), existe uma tese geral: a entrada do sujeito na cultura produz um mal-estar decorrente das contradições entre as exigências do desejo e da civilização. Para esta perspectiva, esta última estaria posicionada como fonte de regulamentação e controle dos prazeres. O repouso do pacto social estaria vinculado, então, à repressão do potencial sexual e aqueles que não renunciariam parte de seus desejos seriam classificados como criminosos perante a sociedade (FREUD, 1908/2006).

O ponto de sustentação desta tese, a saber, a impossibilidade de satisfação plena dos desejos, já havia sido reconhecido nos estudos clínicos: alguns desejos seriam contrários e inconvenientes ao Eu e, portanto, o recalçamento se colocaria como um modo de defesa contra a angústia e a desestruturação egóica (FREUD, 1909/1908[2006]).

O tema da homofobia permite trabalhar essas duas lógicas de pensamento simultaneamente. Apresenta-se, portanto, pela articulação possível entre o sintoma homofóbico e a heteronormatividade. Como já discutido no decorrer do texto, retoma-se a ideia da homofobia enquanto uma solução de compromisso, em que a repulsa e ódio direcionada às pessoas homoafetivas indicam uma tentativa de defesa do próprio Eu. Sendo assim, essa defesa se apresenta de maneira agressiva ao sujeito homossexual, não só através da violência física como da psicológica.

Se há a necessidade de defesa, significa que o sujeito homofóbico também se sente agredido. Por quem? Pelo seu próprio desejo. Sendo assim, as estruturas heteronormativas propiciam esquemas para que a homofobia se mantenha, de maneira que, o sujeito homofóbico projete atitudes preconceituosas aos homossexuais como modo preventivo e protetivo do seu próprio Eu.

Sendo assim, a heteronormatividade é responsável por censurar manifestações de desejo do sujeito através de uma organização normativa social, na qual se analisam comportamentos aceitáveis ou não.

Deste modo, compreende-se que o sintoma homofóbico é uma representação da renúncia a satisfação sexual, não só recalçando o desejo homossexual, mas rejeitando sua disposição de potencialidade bissexual primitiva, para que ele consiga permear e criar vínculos numa esfera social. No entanto, Freud apresenta um argumento explicativo para a civilização, de que ela seria a causa da desgraça do sujeito e, caso os indivíduos voltassem às suas condições primitivas seriam muito mais realizados (FREUD, 1930/1929 [2006]). Desta maneira, se acolheria o pressuposto da potencialidade bissexual em que não seria necessário os indivíduos abdicarem de seus desejos primitivos.

Ainda assim, não se pode invalidar a contradição existente sobre esse contexto na teoria freudiana. Em *“Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade”* (1905/2006) o autor ao explicar sobre o conceito de bissexualidade a classifica como fora dos padrões de normalidade, enquadrando-a em textos referentes à perversão. Ainda, chegou a relatar sobre os homossexuais utilizando-se da nomenclatura: ‘invertidos’, o que poderia transparecer uma perspectiva patológica. Em contraposição a esta ideia, Freud, ao enviar uma carta à mãe de um homossexual, no ano de 1935, dizia que a homossexualidade não seria uma doença e nem motivo de se envergonhar (CECCARELLI, 2008). Com isso, retoma-se a ideia de que a homossexualidade deveria ser acolhida pelos padrões sociais tanto quanto a heterossexualidade.

Além do viés inconsciente, em que o sintoma é a representação do desejo reprimido, a sociedade heteronormativa faz com que a homofobia tenda a se perpetuar, ora agindo às exigências do inconsciente; ora utilizando-se deste sintoma como mediador do laço social, em que o indivíduo despreza seus desejos primitivos e individuais em busca dos ideais do grupo “contribuindo” para a civilização.

As formas utilizadas pelas pessoas na tentativa de se proteger e evitar fontes de sofrimento e desprazer são partes constituintes da civilização. Sendo assim, compreende-se o questionamento das pessoas se tornarem neuróticas, a fim de explicar a intolerância à frustração que a sociedade promove através dos seus ideais culturais. A satisfação do indivíduo neste caso vem em segundo plano, pois a função da civilização é assegurar ao indivíduo segurança e evitar o desprazer (FREUD, 1930/1929 [2006]). Neste interim, a civilização não estabelece apenas segurança ao indivíduo homofóbico, como também o defende e protege como proposto na função egóica.

A palavra civilização descreve as realizações e os regulamentos que diferenciam a vida humana da vida animal e, ainda contém a característica de proteção do homem e do reajuste de seus relacionamentos. Se estes não fossem regulados ficariam a mercê da vontade arbitrária do homem e agiriam de acordo com seus desejos e interesses (FREUD, 1930/1929 [2006]).

A possibilidade de viver em comum é atribuída na junção dos indivíduos contra um único sujeito isolado. Ou seja, o poder comunitário é maior do que a força de um indivíduo isolado. Esse poder constitui a civilização. Intensifica-se ao pensar que os membros deste grupo se restringem de suas possíveis satisfações para um bem coletivo, abdicam de seus desejos ao ponto de desconhecer essas imposições, como se fosse algo naturalizado. Neste sentido, a construção da civilização se dá a partir do recalçamento de seus desejos, pela

opressão a satisfação. Devido à negação de seus desejos é possível concluir que de alguma forma ela será compensada. Toda perda se não for compensada acarretará em distúrbios (FREUD, 1930/1929 [2006]).

O sujeito devido a não aceitação das frustrações sexuais cria em seus sintomas formas de satisfação, e estas lhe causam sofrimento ou se tornam tendências de sofrimento ao se relacionar com a sociedade a qual pertence. No construto civilizatório do sujeito na sociedade heteronormativa é exigida restrição da satisfação sexual. A exigência é respondida através da identificação do homem com os membros dessa sociedade (FREUD, 1930/1929 [2006]). Por conseguinte, o indivíduo homofóbico se apropria das condições que a sociedade oferece, de maneira que elas fossem remetidas a ele e que o satisfizesse.

Ao mesmo tempo em que o sujeito abdica e é censurado de seus desejos, sejam através das imposições sociais ou dos mecanismos de defesa, o sintoma assume uma posição ambivalente: evitar o desprazer e atuar como mediador dos laços sociais. Por fim, subentende-se que as exigências heteronormativas propiciam uma reciprocidade entre sociedade e homofobia, em que uma funciona de subsídio para a outra, interligadas através de uma relação mútua. Por fim, verifica-se ainda, que a renúncia à satisfação do sujeito devido ao recalçamento de seus desejos é compensada através dos laços estabelecidos na sociedade, levando em consideração a homofobia como uma mediação social.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ater-se somente à concepção da homofobia como um sintoma originário de um desejo homossexual recalçado não abrange as respostas de todos os questionamentos suscitados para a explicação deste fenômeno na perspectiva psicanalítica. Sendo assim, o sintoma homofóbico, no ponto de vista clínico, atua de maneira a proteger o indivíduo do seu próprio Eu através das violências direcionadas aos homossexuais.

No ponto de vista social, a heteronormatividade direciona o indivíduo a renúncia de seus desejos para transitar pelas normas estabelecidas pela sociedade, tanto quanto se proteger das agressões de seus desejos de maneira a projetá-las no outro. Sendo que, não precisamente tem de ser um homossexual para ser alvo de preconceitos sociais. Neste sentido, compreende-se que a visão clínica e social conversam entre si.

Nessa perspectiva, a homofobia assume a posição de mediadora do laço social, que de alguma forma favorece os sujeitos homofóbicos no padrão social heteronormativo. Ou seja, além de se apropriar do sintoma homofóbico, a heteronormatividade mantém a homofobia, tanto quanto a homofobia mantém a heteronormatividade.

Sendo assim, este trabalho de pesquisa abre um campo de possibilidades para identificar e refletir sobre a construção, manutenção e compreensão da homofobia. Por fim, vale ressaltar como ponto principal, a apresentação da psicanálise frente a um posicionamento político à abertura para uma vivência das sexualidades de forma mais acolhedora proporcionando a cidadania para as outras formas de viver o corpo sexual.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, L. S. Sexualidades e gênero: breve estudo acerca da homofobia e heteronormatividade. **Revista MovimentoAção**, v.02, n.01, p. 01-15, 2015.

ALENCAR *et al.* Assistência a Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais Vítimas de Violência nos Serviços de Saúde. **Rev. Sau. & Transf. Soc.**, ISSN 2178-7085, Florianópolis, v.7, n.3, p.36-48, 2016.

CECCARELLI, P. R. A invenção da homossexualidade, Natal, 2, 71-93, 2008.

FERNANDES, F. B. M; BORRILLO, Daniel. *Homofobia*. Espanha: Bellaterra, 2001. **Rev. Bagoas**, n.03, p. 213-219, 2009.

FREUD, S. A psicologia dos processos oníricos. (1900/1901). In: **A interpretação dos sonhos (II) e sobre os sonhos**. Edição Standard Brasileira das Obras de Sigmund Freud, v. 5. Rio de Janeiro: Imago, p.580-601. 2006.

_____. Fragmento da análise de um caso de histeria. (1901/1905). In: **Um caso de histeria, três ensaios sobre sexualidade e outros trabalhos**. Edição Standard Brasileira das Obras de Sigmund Freud, v. 7. Rio de Janeiro: Imago, p. 19-66. 2006a.

_____. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. (1905). In: **Um caso de histeria, três ensaios sobre sexualidade e outros trabalhos**. Edição Standard Brasileira das Obras de Sigmund Freud, v. 7. Rio de Janeiro: Imago, p. 128-142. 2006b.

_____. Cinco lições de psicanálise. (1910/1909). In: **Cinco lições de psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos**. Edição Standard Brasileira das Obras de Sigmund Freud, v. 11. Rio de Janeiro: Imago, p. 35-65.2006

_____. Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna. (1908). In: **“Gradiva” de Jensen e outros trabalhos**. Edição Standard Brasileira das Obras de Sigmund Freud, v. 9. Rio de Janeiro: Imago, p.167-186. 2006.

_____. O inconsciente. (1915). In: **A história do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos**. Edição Standard Brasileira das Obras de Sigmund Freud, v. 14. Rio de Janeiro: Imago, p. 171-184. 2006a.

_____. Os instintos e suas vicissitudes. (1915). In: **A história do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos**. Edição Standard Brasileira das Obras de Sigmund Freud, v. 14. Rio de Janeiro: Imago, p. 123-145. 2006b.

_____. Repressão. (1915). In: **A história do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos**. Edição Standard Brasileira das Obras de Sigmund Freud, v. 14. Rio de Janeiro: Imago, p. 151-164. 2006c.

_____. O sentido dos sintomas. (1917 [1916-17]). In: **Conferências Introdutórias sobre a Psicanálise (Parte III)**. Edição Standard Brasileira das Obras de Sigmund Freud, v. 16. Rio de Janeiro: Imago, p. 265-279.2006a.

_____. Resistência e repressão. (1917 [1916-17]). In: **Conferências Introdutórias sobre a Psicanálise (Parte III)**. Edição Standard Brasileira das Obras de Sigmund Freud, v. 16. Rio de Janeiro: Imago, p. 293-308. 2006b.

_____. O Ego e o Superego (1923). In: **O Ego e o Id e outros trabalhos**. Edição Standard Brasileira das Obras de Sigmund Freud, v. 19. Rio de Janeiro: Imago, p. 41-51. 2006.

_____. O mal-estar na civilização. (1930 [1929]). In: **O Futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos**. Edição Standard Brasileira das Obras de Sigmund Freud, v. 21. Rio de Janeiro: Imago, p. 73-148. 2006.

GUIMARÃES, A. F. P. **O desafio histórico de “tornar-se um homem homossexual”: um exercício de construção de identidades**. Temas em Psicologia, ISSN 1413-389X, v. 17, n. 2, p. 553 –567, 2009.

LAPLANCHE, J; PONTALIS, J. B. **Vocabulário de psicanálise**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MENEGHETTI, F. K. **O que é um Ensaio-Teórico?**. RAC, Curitiba, v. 15, n. 2, p. 320-332, Mar. /Abr. 2011.

PETRY, A. R; MEYER, D. E. E. **Transexualidade e heteronormatividade: algumas questões para a pesquisa**. Textos & Contextos (Porto Alegre), v. 10, n. 1, p. 193 - 198, jan./jul. 2011.

ROUDINESCO, E; PLON, M. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 1997.

Secretaria Especial de Direitos Humanos do Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos: **Relatório de Violência Homofóbica no Brasil: ano 2013**. Brasília, p.11. 2016

VANIER, A. **O sintoma social**. *Ágora*, v. 5. n. 2, p. 205-217, 2002.